Resenha Musical

Diretor: Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

Ano II • SÃO PAULO, Maio e Junho de 1940 • Ns. 21 e 22

Revivendo a figura e a obra de Romeu Pereira

Prof. Clovis de Oliveira

É nosso dever reviver nas páginas da nossa revista, exaltando, a figura e a obra dos compositores brasileiros já falecidos, como um gesto patriótico e exemplo às gerações vindouras da nossa Pátria.

Com este propósito vamos relembrar aos nossos leitores, a figura jovial e talentosa do saudoso compositor brasileiro Romeu Pereira, ha 22 anos falecido na Italia.

Filho de S. Paulo, nasceu em 5 de Setembro de 1895, latino de sangue e de genialidade.

ROMEU PEREIRA

Desde pequeno, este jovem musicista que se diplomou no glorioso Conservatório de S. Pietro Magiella de Nápolis, onde frequentou as classes de Alexandre Longo, mostrou ter nascido para ser um émulo dos mais inspirados e fecundos compositores de todo o país. Fibra robusta de técnico, pensamento vasto e radioso de inspiração, Romeu Pereira que a arte perdeu aos 23 anos de idade, em 29 de outubro de 1918, quando assolava na Europa a **gripe espanhola**, iniciou sua curta e brilhante carreira artística em S. Paulo, realizando muitos concertos de suas obras, com o valioso concurso de seu irmão Artur, hoje notavel compositor. Romeu Pereira obteve os aplausos incondicionais dos mais reputados e severos criticos e musicistas de então.

Como compositor, Romeu Pereira escreveu grande número de romanças dentre as quais a delicada "La signora de ciélo" e outras com letra do poeta Jacques d'Avray, pseudónimo de ilustre literato paulista. "L'ivrogne" (balada), "La signora del mar" e "Renuncia", são três porcelanas raras da sua arte. Deixou uma Suite para violino, e muitas cênas líricas e muitas peças avulsas. Deixou, ainda, uma ópera incompleta que certamente haveria de formar o seu pedestal senão contribuir em massiço para a sua glória.

O "gísne branco", como fôra apelidado pelos intelectuais italianos, golpeado pela enfermidade, cerrou os olhos sob os céus de Nápoles, terra de sorrisos e de arte, luminosa plaga onde floresce a **ginestra**, tantas vezes cantada pelo genio de Leopardi, guarda-o, ainda em seu seio, ao som de suas melodias bonitas que transformam o seu túmulo num pedaço do céu sobre a terra.

Enguirlandada pelas nossas violetas, a sua memória nos é querida e sua obra revivida.

"Mori giovane a lui che a ciélo é caro".

Resenha Musical
Revista Paulistana

COM ESTE NÚMERO "RESENHA MUSICAL" DÁ INICIO A UMA NOVA FASE DA SUA VIDA, DE ÚNICA REVISTA DE PROPRIEDADE PARTICULAR EXISTENTE NO PAÍS, QUE SE DEDICA EXCLUSIVAMENTE À MÚSICA E ASSUNTOS CORRELATOS.

ESSA NOVA FASE ELA COMEÇA EM SÃO PAULO, A GRANDIOSA CAPITAL BANDEIRANTE, AFIM DE MELHOR SERVIR AO POVO BRASILEIRO IRRADIANDO DESTE GRANDE CENTRO TUDO QUANTO OCORRER NOS MEIOS ARTISTICOS PAULISTANO E PAULISTA, INCLUSIVÉ O PENSAMENTO DOS NOSSOS ESCRITORES, POETAS E PINTORES E, AINDA, A OBRA MUSICAL DE NOSSOS COMPOSITORES.

COM ESTE NÚMERO PORTANTO, "RESENHA MUSICAL" DÁ O PASSO MAIS LARGO DE SUA EXISTÊNCIA, FORTALECENDO ASSIM, O SEU NOBRE E SUBLIME IDEAL DE "NACIONALIZAR, INSTRUIR E EDUCAR, PELO IDIOMA E PELA MÚSICA DO BRASIL".

A REDAÇÃO

● ● ●

Nossa Capa

Raul Laranjeira

De Raul Laranjeira, o renomado violinista brasileiro, as fotografias que ilustram a capa do presente número.

Dessa maneira RESENHA MUSICAL presta uma justa homenagem a esse "virtuose" patrício que tem colhido com a sua extraordinária musicalidade e técnica, os encomios de prestigiosos críticos dos maiores centros musicais, como París, Rio de Janeiro, São Paulo, Buenos Aires, Montevidéo e outros, para a sua carreira.

Atualmente Raul Laranjeira como integrante da Missão Cultural "Dr. Ademar de Barros", coadjuvado pelo brilhante pianista Adolfo Tabacow ,percorre o interior do nosso Estado em "tournée" artistica, difundindo com magníficos concertos, a divina arte musical com o que ela possúi de mais bélo para o seu instrumento.

Apreciando os números 19 e 20, de RESENHA MUSICAL, os últimos editados em Araraquara, o grande crítico brasileiro, OTAVIO DE ALMEIDA, de "Don Casmurro", do Rio de Janeiro, assim escreveu, em 29 de junho p.p. naquele magnífico órgão cultural da imprensa carioca:

Resenha Musical

"RESENHA MUSICAL" BEM REVELA O GRAU DE ADIANTAMENTO ARTISTICO DA CIDADE DE ARARAQUARA, NO ESTADO DE SÃO PAULO. O SEU FEITIO É PEQUENINO, MAS A SUA FINALIDADE É GRANDIOSA. É UMA REVISTA DE DIVULGAÇÃO. QUE SE BATE PELO ELEVAMENTO DAS ARTES.

É SEU DIRETOR, O PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA, MUSICOGRAFO ILUSTRE QUE, ATRAVÉS DE SUA INTELIGENCIA FECUNDA, VEM ENGRANDECENDO O AMBIENTE ARTISTICO DAQUELA IMPORTANTE CIDADE DO INTERIOR BANDEIRANTE.

OS NUMEROS 19 E 20, DE "RESENHA MUSICAL", REUNIDOS EM UM UNICO FASCICULO, CONTEEM COLABORAÇÃO SELETA E VARIADA, ONDE SE DESTACAM O "DISCURSO" PRONUNCIADO PELO SEU EMINENTE DIRETOR, NO CONSERVATORIO MUSICAL DE ARARAQUARA; "CHOPIN E AS BALADAS", PELO PIANISTA ALONSO ANIBAL DA FONSECA; "UM QUARTETO DE RADAMÉS GNATALLI", PELO PROF. LUIS HEITOR CORREA DE AZEVEDO; E UM AMPLO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES MUSICAIS.

CONHECER A UTILIDADE DAS ARTES, É UM PRINCIPIO DE INTELIGENCIA HUMANA, — DIZ O PROF. CLOVIS DE OLIVEIRA, — A QUE NÓS ACRESCENTAMOS: E DIFUNDIR ESSES CONHECIMENTOS, É A MAIS GRANDIOSA DAS UTILIDADES.

E ESSAS UTILIDADES SÃO ENCONTRADAS NAS PAGINAS DE "RESENHA MUSICAL", ESSA REVISTA SIMPATICA QUE COLOCA ARARAQUARA EM PLANO SUPERIOR EM MATERIA DE ARTE."

Toque de recolher (*)

DR. ULYSSES PARANHOS
da Academia Paulista de Letras e
da Escola de Belas Artes de S. Paulo

"A música, como as outras artes, sofre a doença do século: ela ségue de perto o rítmo universal e participa da crise do espírito moderno."

A. Coeuroy

Depois de jornadear por montes e vales, finalizamos nossa viagem. Já se ouve o toque de recolher. Ainda uma palavra diremos ao amavel leitor.

Ante o estado de confusão que nos legou a Grande Guerra européia de 1914, envolvendo num completo cáos, numa completa transformação, todos os ramos da atividade humana, despertando paixões e reivindicações as mais audazes, estamos francamente autorizados a declarar que nada existe hoje de fixo e de seguro em cousa alguma, e, portanto, tambem no campo da arte, que é uma das manifestações mais autênticas do estado de espírito das massas.

Ao contrário de Wells, julgamos que a aplicação das ciências às relações psicológicas, educacionais e económicas do homem, em vez de fazê-lo ditoso, cavou a sepultura de sua felicidade. Precisamos voltar ao passado; — substituir as noções científicas, puras e aplicadas, que transformaram a vida numa simples máquina, pelas velhas noções políticas e morais, mais cristãs e mais transparentes, que nos façam retornar à época passada em que tinhamos mais amor à existência, esperanças no futuro e recebiamos consolações de toda a parte, porque sabiamos que os outros nos amavam no sofrimento, como nós mesmos os amavamos na sua dôr.

E' preciso colocar de lado as concepções materialistas de Frederico Nietszche que, analizando a "Carmen" de Bizet, considera o espírito trágico, a essência do amor ou a história daquele típo shakespeariano de Ruskin que, levado pela avidez do dominio, sacrifica uma criança inocente e morre depois atormentado de alucinações horriveis, receando o destino capaz de puní-lo, no que ele tem de mais caro, o seu próprio filho. Drama horrivel onde se reflete bem a mentalidade do homem eslavo e que Modesto Mussorgski, no entan-

(1) — Ultimo capitulo do livro, "Historia da Musica", do Dr. Ulysses Paranhos.

to, musicou, emprestando-lhe a fagulha ardente de seu gênio.

E infelizemente é este o estado atual da humanidade: mecanizada, prêsa ao materialismo brutal, que não sabe encontrar a réstea luminosa que a conduza a uma finalidade espiritualista e a um destino melhor do que aquela que a espera.

Este postulado extende-se a todas as manifestações da atividade humana e a própria arte não escapa ao seu imperativo tirânico e angustioso.

É, evidentemente, o que divisamos na música contemporanea. Nomes, movimentos rítmicos disparatados, procéssos de compôr esquisitos, concepções estéticas desassombradamente vesanicas, enfim, uma fórmula musical que bem reflete as ansiedades, as incertezas e a nevrose da existência humana após a guerra européia de 1914 e muito mais será com a atual conflagração.

E os modernistas, no seu confusionismo mental, chegam mesmo a afirmar a inutilidade da fórma clássica. E a tendência estética dos músicos de agora orienta-se no feitio de arrasar tudo, num nihilismo verdadeiramente soviético, sem, no entanto, construir nada sobre as ruínas ainda fumegantes que fizeram.

Esse derrotismo nos parece a revelação palpável e concreta dum desinteresse total e absoluto do presente pelo passado. E' a negação da evolução histórica. O rítmo sonorizado dos gregos, o movimento monódico do gregoriano, a combinação matemática das linhas contrapontícas da escola franco-flamenga, o melodismo teatral italiano, o romantismo dos alemães, a melodia continua e a polirítmica chocante de Wagner, tudo isso, enfim, foi removido como entulho e, em seu lugar, colocou-se uma música que de música somente possui, como recordação antiga o próprio nome.

Repitamos com A. Coeuroy: " A música bamboleia-se mais do que avança. Exagera mais do que envolve."

Afirmam os defensores da modernidade musical que a música sofre uma mudança profunda em sua concepção: ela perdeu o antigo princípio da **expansividade** e adotou o princípio da **intensidade.**

Para Mário de Andrade: "A música moderna se prende a revelar o movimento sonoro que passa. Só o presente e o futuro são realmente tempo.O passado, por causa de ser fixo, imutável, é muito mais especial que temporal. O sabiá enquanto vive é tempo. Morto, empalhado, ele ocupa um lugar na vitrina do museu: é espaço. A música de agora baseia a sua razão de ser no que está soando no momento e adquire a sua compreensibilidade pelo que virá depois. Nela o que passou, passou. O momento que passa, o presente, não justifica o que passou. E' o passado que justifica o presente. Da mesma fórma o presente justifica o que ha de vir. O crítico musical russo Boris de Schloezer chamou a música de Stravinski de "objetivismo dinâmico"... Os músicos e literatos, muitas vezes repetem e generalizam hoje essa expressão que me parece estreita. **Movimento sonoro, é o conceito da música atual** — única arte que realiza o **Movimento puro, desinteressado, ininteligivel em toda a extensão dele. Este me parece o sentido estético, técnico e, meu Deus! profético da música da Atualidade."**

Estamos de perfeito acôrdo com essas palavras do conceituado crítico, considerando a música moderna no sentido de um simples movimen-

to sonoro, mas acreditamos que essa música absolutamente atemática, sem nenhuma arquitetura, atuando sobre o espírito como um jorro de linhas sonoras, não póde ser a música do futuro. Ela é, apenas, um momento fugidío na evolução do pensamento musical.

A música do futuro será uma música fundida nos ensinamentos da escóla clássica que, sofrendo as modificações que lhe impõe a marcha da civilização, póde perfeitamente expressar o pensamento das gerações que vão chegar. Este fáto nós já observámos na arquitetura, onde a linha antiga está predominando entre os arquitetos mais avançados, como os norte-americanos. Em Nova York, são comuns, atualmente, as construções em estílo neo-clássico. ou mais antigo ainda, o neo-babilónico.

Porque das duas uma: ou nos encaminharemos para o neo-classicismo, numa adaptação do pensamento bachiano, ou faremos, então, uma música totalmente nova, que não se assemelhe em nada ao que atualmente se procura impôr ao espírito moderno. Infelizmente, como o panorama que atualmente se desenrola diante de nossos olhos, não é possivel prognosticar qual seja esta música.

Já passou o tempo dos profétas hebreus, dos Isaias e dos Ezequias. Em materia da música futura temos que nos debater no mar de simples conjecturas e méras hipóteses e nada mais. Somos humanos e nos falta o sentido da previsão e da dupla vista. E com isto encerramos este livro que tem um pouco de nossa inteligência e muito do nosso coração. E', enfim, como escrevia Montaigne: "um livro de bôa fé".

BIBLIOGRAFIA

André Coeuroy — Panorama da música contemporanea;

André Maurois — Aspectos de la biografía — 1935;

B. Pratella — Evoluzione della Música — 1917;

Mário de Andrade — Compendio de História da Música — 1933;

P. Baker — Musikgeschichte — 1926;

S. A. Luciani — Milli anni di musica — 1936;

Ulysses Paranhos — Pallas (Síntese de História da arte) — 1935;

Wellesz — Neuer Musik — 1925;

Wells (H. G.) — Pequena História do Mundo, trad. de Gustavo Barroso — 1937.

CHOPIN — Balladas — Dr. Alonso Annibal da Fonseca

II Capítulo — no próximo número de RESENHA MUSICAL

Edições Musicais

Prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

CIRANDINHAS BRASILEIRAS
de SAMUEL ARCHANJO - 1940
Ed. Melodia — São Paulo e Rio

A conceituada editora S. E. Mangione, de São Paulo e Rio, vem de publicar uma coletanea de peças para o ensino musical infantil. Essa obra didatica do prof. Samuel Archanjo, reune em dois cadernos as cantigas de roda que serviram para o ensino das crianças do "Curso Infantil do Conservatório". Reputamos esse trabalho de uma utilidade, não somente ao ensino da música nos Jardins da Infancia, como às escolas maternais e cursos pré-vocacionais dos diversos institutos do Brasil. Lançando um trabalho prático como é esse, presta o editor sr. Mangione, grande auxílio à educação artística brasileira. O ensino infantil do Conservatório marcou época nos anais da artte em São Paulo, tendo atraído a atenção de todos os núcleos erducacionais do Brasil. Nele recebiam as criancinhas de 5, 6 e 7 anos, os primeiros elementos do ditado, solfejo, ginástica rítmica, dansa clássica, declamação e arte dramática, história dos músicos e da música, em lições que eram desenvolvidas sob uma orientação inteligentemente ministrada. As "Cirandinhas brasileiras" do prof. Samuel Archanjo, são lições como ele no-lo aconselha em seu Prefácio, desenvolvidas de maneira muito prática: "Harmonizei-as sob um cunho da maior singeleza possivel, para que a criança sinta bem claro o folclore de sua terra."

Util na sua finalidade social, a obra mais recente do ilustre professor paulista, é explicada, ainda no Prefácio, pelo autor: "E' necessário proporcionar aos pequeninos um ambiente adequado à sua idade, para que, envolvidos numa relativa liberdade, manifestem expontaneamente seus pendores, pondo ao vivo suas tendências artísticas a serem aproveitadas dentro dum critério honesto e compensador."

Elas vêm apresentadas de fórma amêna para a petizada; cada lição traz uma ilustração adequada, seguida do modo como deve ser ministrada, o que objetiva perfeitamente as atividades, não só da criança como das novas professoras, que têm nesses dois cadernos um excelente auxílio para a atuação da preceptora artística da infancia brasileira. Iniciando com a exercitação do Compasso binário e a tonalidade de "do" maior, essas lições, levam o petiz até a afinação do violino que é dada pelas canções "Sapo Jururú" e "Bão-Bablão senhor capitão".

A **RESENHA MUSICAL** agradece ao senhor Mangione os exemplares enviados e tem satisfação em registrar o aparecimento dessa explêndida e utilíssima obra, desejando que ela tenha a difusão que merecem todos os trabalhos do ilustre pedagogo e bondoso mestre, que, não se póde negar, muito se tem esforçado para a educação da nossa juventude. Os nossos parabens ao prof. Samuel Archanjo dos Santos e ao fino desenhista Icaro da Cunha Alves pois que ambos concorreram para enquadrar de fórma elegante e clara os cantos infantis de nossa terra que recebem potente aparelhamento de divulgação na iniciação dos primeiros passos na béla arte musical.

Albeniz sua vida e sua obra

PROF. EMIRTO DE LIMA

Trad. do Prof. Tolstoi de Paula Ferreira

O Prof. Emirto de Lima é um grande musicista colombiano e porisso RESENHA MUSICAL publica neste número devidamente autorisada, com grande satisfação, uma interessante conferência, devidamente traduzida, pronunciada pelo autor em Barranquilla, Colômbia, numa apreciada noite de arte em que se fizeram ouvir as mais escolhidas peças do insigne Albeniz. Dada a autoridade e o renome do conferencista, a forma feliz e inspirada de seu trabalho e a inconfundivel projeção no mundo artístico-musical da figura de Albeniz como compositor emérito, a tradução das palavras do Prof. Emirto de Lima representará, por certo, util documento e fonte de conhecimentos para os cultivadores da arte euterpiana.

O HOMEM

O famoso compositor íbero cuja vida pretendo relembrar nesta hora foi antes de tudo um grande espanhol, não só porque à luz da fúlgida Espanha foi que por primeira vez abriu os olhos, como porque teve do conceito de pátria a mais nobre e profunda idéia.

Na Espanha havia de crescer e fazer-se grande, e à sua terra querida daria invulgar brilho, pois que alimentou sempre constante preocupação por enaltecer as glórias de sua raça, descrever as paisagens de sua terra fecunda e exuberante, e mostrar ao mundo a força espiritual avassaladora da cultura espanhola.

O ARTISTA

Albeniz foi principalmente um estranho paisagista, o mais marcante dos coloristas musicais que haja possuido a Espanha nos últimos lustros.

Se desejais, por exemplo, apreciar todo o encanto de um lago espanhol, sulcado de lindos cisnes; admirar fontes e vales cheios de harmonia, enfeitados de juncos, rosas e violetas; estasiar ante montanhas, paragens campestres, catedrais, castelos, sombrios arvoredos, auroras puríssimas, entardeceres de sonhos, prados fresquíssimos e deliciòsamente verdejantes, rústicos vinhedos, pomares frondosos, alcáceres preciosos, riachos, ribeiros tranquilos, montes e escarpas, salgueiros melancólicos e suaves colinas; se quereis encantar-vos com a vista de flexíveis choupos, castanheiros vigorosos, bosques incomparáveis, ténues raios de sol da Andaluzia, praias mundanas da Guipúzcoa, a junção do mar e das rochas na Galícia, a graça e a sedução da mulher cordobesa, o fogo abrazadôr dos olhos da sevilhana; se pretendeis aproximar-

vos dessa Espanha maravilhosa, enfim, ouví a música de Albeniz. Ela vos evocará com inefável mágia toda a extensa gama de coloridos e de encantos (desde o escuro intenso até o claro muito alegre e desde a poesia típica de um rincão rural até a suntuosidade de uma catedral ou a magnificência de um palácio da capital), toda a enorme variedade de belas cousas, supremamente formosas, que povoam a Espanha, para deleite e orgulho de seus filhos e dos que somos descendentes de sua raça.

Não faltou paisagem da Espanha que não passasse pela pentagrama musical do insígne artista. Sua obra é imensa, quantitativa e qualitativamente falando.

* *

Albeniz foi um pianista estupendo, perfeito. Os que tiveram a ventura de ouví-lo afirmam que sua execução produzia não só profundas emoções mas ainda calafrios na alma, tal a força creadora de sua arte.

Um detalhe vos fará compreender melhor a magnitude da arte pianística de Albeniz.

Quando vivia o artista, ao formarse anualmente em París o Jurí encarregado de classificar e premiar os novos pianistas do Conservatório, que se apresentavam ao público, faziam-no vir de Barcelona, onde residia, para presidir ao grande certame. Albeniz foi, aliás bem merecidamente, professor durante alguns anos a **Schola Cantorum** de París, Cavalheiro da Legião de Honra, de França, e dedicava à Capital francesa um carinho extraordinário.

Várias vezes ele visitou Londres, também, durante seu curto peregrinar pelo mundo, pois apenas viveu o artista 49 anos. Na Inglaterra não ha lembrança de entusiasmo mais caloroso, de alegrias e triunfos mais sonoros do que os daquelas temporadas de concertos albenicianos em que tanto a nobresa como o grande público inglês cumulavam o pianista egrégio de toda sorte de atenções, gentilesas e homenagens.

SUA MÚSICA

Ao falar da música de Albeniz, Pierre Lalo disse que era tão espanhola como as canções que se ouviam na Espanha, em toda esquina, à sombra da noite. Agreste e fina sensual e melancólica, espanhola por inteiro, essa música ardente, delicada e apaixonada, resume toda a sensibilidade da alma da raça... "A música de Albeniz é o canto mesmo da Espanha".

Muito feliz e entusiástico folcklorista, encontramos em todos os momentos, em sua produção, o pormenor folclórico, isto é, o reflexo da alma do povo, seja na alegria ou na dôr, seja em seus anceios ou em seus sonhos, ora nas lutas pelas reivindicações, ora nos gestos de rebeldia, nas inquietudes e nas esperanças, nas resignações e, enfim, nas manifestações mais íntimas da alma popular coletiva.

Cheias de rítmos vigorosos, de acentos robustos, de modulações sempre novas e às vezes audazes, as produções albenicianas conservam sempre um profundo espanholismo, ainda que nelas se possam encontrar em passagens rápidas, um pouco da influência de alguns autores franceses modernos.

De sua obra copiosa e admirável destaquei algumas páginas que mãos virtuosas farão ouvir nesta solenidade. Sem dúvida que me foi tarefa

bastante dificil selecionar entre tantas joias, algumas das mais lindas, porque as novecentas obras que integram a produção albeniciana são todas interessantes, cada qual mais que a outra.

Desejaria trazer-vos também, esta noite, o aroma do ambiente de Granada, através a evocação de Albeniz, nas poéticas cênas que compõem a **suite Ibéria**, e as impressões de diferentes rincões da Espanha, ou melhor, as evocações inspiradas no caráter da música espanhola, naquelas em que o rítmo dos cantos e dos bailados populares desempenha importantíssimo papel. Desejaria brindar-vos também com toda a riquesa, a exuberancia, a paixão, o colorido, a graça, a fantasia, a placidês, o abandono, a sensualidade, isto é, as características de **Triana, Sevilla, Jota Aragonesa, Cataluña, Almeria, El Puerto, Mallorca, Minué del Callo, Navarra, Zortzico, Málaga, El Albaicín, Navarra**, etc., mas os limites de uma conferência-concerto não me permitem alongar-me tanto.

Ides escutar, pois, somente quatro obras do malogrado artista espanhol, mas, de certo, as mais fascinantes de sua produção.

Os primeiros compassos dessa composição vos recordarão Córdoba que veio a ser a capital do Imperio mussulmano.

Na explêndida mesquita, honra e orgulho dos artífices hispano-arábicos que trabalharam em sua construção recolhidamente oram os habitantes...

Depois desta evocação do ambiente religioso, Albeniz apresenta o canto da cordobesa, um canto dolente, de belas entonações. Em seguida, descreve todas as magnificências da cidade califal, o poderio a que atingiu e a severa majestade de sua Catedral e de seus monumentos. Termina a obra com a repetição do canto incial.

Parece que na suave penumbra de um pôr-de-sol delicioso, a cordobesa eleva até o céu sua prece admirável. Escutai-a!

... ...

Agora ides ouvir uma página inspiradíssima de Albeniz: **Cádiz.** Ele a chamou sonata e como bem o sabeis os músicos espanhóis assim denominam aquelas curtas melodias populares que chegam ao coração com a força de uma sonatina.

Começa a obra por recordar que na província **gaditana** tudo é alegria, ardor, entusiasmo. Em seguida, aparece a canção emocionada e vibrante, o maravilhoso **Cante jondo** espanhol. A segunda parte da obra pode bem nomear-se com uma palavra muito usada na arte da dansa — **Evoluções.**

Depois de haver cantado com ardoroso júbilo, o par se entrega às curvas da dansa que embriaga e subjuga. E antes de terminar os passos, entôa novamente, nos últimos momentos o **ritornello** de sua canção.

Um violino romantico, um arco suave e cadenciado e a alma sonhadora da pianista vos dirão agora como é intenso o alcance dessa sonata.

... ...

Vós conheceis por certo as preciosas rimas de Gustavo Adolfo Bécquer. Albeniz, que também foi um perene enamorado dos versos, gostava de cultivá-los a miudo, através os melhores poetas de sua época. E, com esse fim, musicalizou várias poesias de autores contemporâneos, entre os quais figuram as delicadas

Rimas que uma voz toda harmonia e brandura, vai cantar, povoando mais ainda este ambiente de perfumada essência.

... ...

Como último número do programa escutai as famosas **Seguidillas** de Albeniz. Nelas faz o autor o elogio da província de Castela, com todo o cortejo de toureiros, floristas, bailarinas, etc.

A guitarra se põe a vibrar nas mãos de um Andrés Segovia e logo surge a canção saborosa, tentadora e cintilante, nos lábios da madrileña garbosa e incomparável! Que diz essa canção e o que a guitarra canta? Para que descrever-vos esta cêna si vós todos, cada qual mais adorador do toureiro e do manto de manilha, ides ouví-la em seguida, através as notas imortais!

A insigne pianista vos conduzirá por terras castelhanas!

Ao terminar, um favor vos peço: que perdoeis que em uma noite estrelada de Maio, um modesto artista vos haja reunido para falar-vos, em tom descolorido, de um creador cuja atuação na arte mereceria um bom panegírico!

... ...

NOTAS: — Á conferência estiveram presentes numerosos ouvintes, representando o que a sociedade barranquillence possuia de mais aristocratico e elegante.

Fizerem-se ouvir nessa conferência-concerto, ilustrando os principais trechos do trabalho do Prof. Emirto e interpretando no piano e ao canto as peças albenicianas referidas, as pianistas, senhoritas Baena, senhorita Haller e senhorita Alicia Barreneche, e a cantora senhorita Graiciela Dugand.

ASSOCIAÇÃO GUITARRÍSTICA ARGENTINA

Recebemos e sinceramente agradecemos, o convite-programa para os concértos correspondentes ao VI.° Ciclo, que a benemérita Asociación Guitarrística Argentina, fez realizar em seu salão nobre durante o mês de maio, além de patrocinar exposições de escultura, com obras do ilustre artista Luiz Perlotti, e de pintura com obras em conjunto, de destacados elementos do meio de arte de Buenos Aires.

Relação dos concertos: em 5: 1 — sólos de piano, srta. Laudelina M. Carmo; II — Violoncelo, srta. Aurora Natola e piano, srta. Margarida Natola; III — Guitarra, sr. Martin J. Chaves. Em12: I — canto, srta. Elvira M. Bo, piano, sr. Jorge Buendia; III — Tres contos, da escritora argentina Amparo C. Lópiz, lidos pela autora; III — Guitarra, srta. Ana Alma Torres. Em 19: I — "Mendelssohn", conferência pelo prof. Carlos Alberto Larrumbe; II — piano, srta. Mirian Schtirbu; III — Guitarra, srta. Blanca Blat. Em 25: concerto de guitarra pelo sr. Adolfo Perafán, destacando-se do programa as obras de León Gascón, em 1.ª audição.

* *

Os bons discos de Chopin

PIERRE WINANDY
Trad. do prof. Luiz Carvalhosa Garcia

(Conclusão)

AS OBRAS DIVERSAS

Entre estas peças enumeramos no princípio deste estudo, encontram-se as melhores composições de Chopin, aquelas em que ele pôs o melhor de si mesmo, todavia não são elas as mais conhecidas. Nós citaremos agora na ordem numérica das obras, as que tiveram o favor da gravação.

a) O **Rondó em mi bemol maior, op.** 16 vem, nestes últimos mêses, gravado num disco Columbia com um artista russo pouco conhecido ao piano: **Anatole Kitain** (Columbia DX 839. ord. 30). Execução ligeira, sem dúvida alguma, mas que tem mais o rumor dos "quadrimotores" do que o das azas dos beija-flores! Interpretação assás superficial: Kitain tem em passagens da peça, o mal de fazer, para dar expressão, bruscos contrastes de "pianissimo" e de "sinforzandi", de "rallentandi" e de "accelerandi". Uma bôa prova da sonoridade do instrumento que é magnifica neste disco.

b) O **Bolero em do maior, op. 19** foi bem gravado, ha alguns anos, num Polydor, sob o n.º 270x1 (ord. 30) pela pianista **Lily Dymont.** Execução brilhante e ótima gravação.

c) Devemos a **Arthur Rubinstein** uma interpretação comovida e luminosa do **"Andante Spianato" op. 22 em sol maior,** esta peça de melodia calma e de baixo ondulante (H.M.V. DB2.499 lx. 30). Um disco de grande beleza. Sabe-se que este **"andante"** foi ligado à **"suite"** da **"Grande Polonaise" op.** 22, à qual serve de introdução. E' por isto que o número do op. é o mesmo. Eis, neste disco, a única gravação deste **"andante"**.

d) Com a **Sonata em si bemol menor op. 35,** chegamos ao pincaro da obra de Chopin. As bôas edições de **Brailowski** (Polydor 95.480-81 lx. 30) e de **Kilenyi** (Pathé Pat. 80-82 ord. 30) são ambas sobrepujadas pela gravação do ilustre compositor e pianista **Rachmaninow** (de quem já falamos), H.M.V. DA. 1.186 a 1.189 (4 discos lx. 25).

Uma técnica de estupenda segurança, de increvieis refinamentos de interpretação que nos revela pormenores de sonoridades omitidas pelos dois outros, e uma gravação inexcedivel distinguem este último disco dos seus pares. Além disto, na famosa **"Marcha Fúnebre"** que forma o **andante** desta peça, o artista repete a curiosa e surpreendente fórmula de intepretação do pianista **Busoni,** do qual ele foi discípulo. Em lugar de executá-la segundo os "canons" rituais, ele a ataca "pianissimo", continua por um lento "rinforzando" até a melopéa central que ele dá a todo o pulso, depois, para repetir o

tema inicial, vai "diminuendo" até o final, que ele executa como que num sopro. O efeito obtido é indizivel. Os outros movimentos são realizados com a mesma veia.

e) **A viva Tarantella em la bemol op. 43,** foi gravada duas vezes por H.M.V. com o concurso de **Cortot.** A segunda gravação (2 d. face do D13 3.032 lx. 30) é mais satisfatório que o primeiro (DA 1.213, lx. 25) que parece por uma sonoridade um pouco viscosa.

f) Para a **Fantazia em fá menor** op. 49, as duas edições principais: HM.V. IV° 2.031/2.032 (3 faces lx. 30) por **Cortot**, Columbia D. 13.112 e 13.113 (lx. 25) por **Marguerite Long.**

g) No que concerne à célebre **Berceuse** op. 57, afastemos a versão de Wilhelm Backhaus (H.M.V. DB 1.131, lx. 30) muito brutal e optemos por um outro dos tres discos seguintes: o de **Rubinstein** (H.M.V. DB 2.149, lx. 30); o de **Marie Therèse Brazeau** (Polydor 27.095, ord. 30); ou ainda, o de **Hans Bund** (Telefunken A2.262, ord. 25), todos os três de uma grande finura de execução e muito bem gravados.

h) Na **terceira sonata,** a longa **sonata em si menor op. 58,** o musicólogo **Marmontel,** em 1859, ao mesmo tempo a obra prima de Chopin, a peça em que seu gênio manifesta o seu ponto culminante, e a que é a mais dificil de se executar. Quanto à dificuldade da interpretação, outros musicólogos não são desta opinião e a colocam depois de certos **Estudos** ou depois da **Segunda Sonata, op. 35,** ou ainda depois do **Allegro de Concert, op. 46.** Mas pela beleza nada a repetir: admiravel sobretudo, esse **"largo"** que, depois de um **"allegro"** marcial e de um agradavel **"Scherzo"** vem nos modular sua pungente cantilena. Toda a obra, nella compreendendo o seu final "presto ma non tanto" em forma de tarantella, é verdadeiramente do melhor Chopin.

Alfredo Cortot — ainda ele — nos restitui este explendor em quatro pequenos discos da H.M.V. inglesa (DA 1.333 a 1336). Ele realizou nesta bem sucedida execução uma das mais belas gravações de sua carreira. Infelizmente a sua tiragem é limitada.

Para a **Sonata op. 58,** o catálogo geral do gramofone francês indica os nos. DA 1.209 a 1.212: é um lapso tipográfico, estes números são atribuidos realmente a outros discos. Os números exatos são os citados DA 1.333 a 1.336.

i) A **Barcarolla.** — A **Grande Barcarolla em fá sustenido maior op. 60,** de uma execução tão dificultosa por causa de sua tonalidade e de seus múltiplos acordes aplicados para os dez dedos era considerada por **Maurice Ravel** — uma admiravel obra prima do gênero. Os editores de discos não n'a esqueceram inteiramente, e nos fornecem quatro discos, todos belíssimos, máu grado as incontáveis variantes de interpretação. Daremos a palma ao H.M.V. n.° DB 2.030 (lx. 30) em que **Alfredo Cortot** tem sonoridades cintilantes, umas vezes doces, outras vezes violentamente apaixonados, e executa um jôgo de pedais com uma maestria completa. Atribuamos, a seguir, o segundo lugar, "ex aequo": a um disco Polydor de **Brailowski** (n.° 35.014, lx. 30) de belíssima presença, e a um disco H.M.V. de **Arthur Rubinstein** (DB 1.161, lx. 30), em que a execução vale a de **Cortot,** com menos pedal "forte", mas cuja gravura é um pouco surda visto sua idade. O quarto lugar será ocupado,

todavia, sem nenhuma deshonra pelo disco Columbia de **Marguerite Long** (L.F.X. 325), no qual a eminente pianista pisa de novo um pouco fortemente no estrado dos concertos.

j) Para a **Fantasia Improntu op. 66**, coroêmos **Brailowski** (Polydor n.º 95.324 lx. 30) que é de uma petulancia endiabrada, porém escutemos com prazer Wilhelm Backhaus (H.M.V. DB 2.059, lx. 30).

k) Enfim as **Trois Ecossaises op. 72**, n.º 3, estão gravadas por Pathé com Jacques Dupont, sob o n.º P. G. 21 (ord. 25). Não conhecemos este disco, mas presumimo-lo bom, a firma Pathé grava muito bem para piano e J. Dupont e ótimo artista.

Uma peça da mocidade de Chopin, descoberta em 1927, as **Variations op. 2** sobre o tema da área "La cidarem la mano" de "Don Juan" de **Mozart**, foi gravada por Jean Doyen — um artista maravilhoso — para a firma Ultrafone, porém os discos (BP 1.562 e 1.563 ord. 25) são raros.

Nem as **Variations brillantes op. 12**, nem as **Variations** sobre uma ária nacional aleman (obras póstumas), nem o prodigioso **"Allegro de Concert" n.º 46 em lá maior**, um dos topos da literatura pianistica, não foram gravados até agora. E' entretanto possivel que o último o seja logo, cousa que será justa, visto a importancia da obra. Uma sugestão em seu favor foi recebida em Londres com promessa de exame.

Os editores omitiram igualmente a primeira **Sonata em do menor op. 4**, isto não é uma infelicidade, porque Chopin fez melhores. Seu "allegro maestoso" não é senão um exercício de gamas cromáticas; seu "presto" final, um exercício de "septiènes diminuées". Tem para se lembrar somente, o "larghetto con molta espressione" a 5 tempos, e o curioso minueto, cuja frase lembra Haydn por passagens.

Si entretanto nos perguntarem a qual é em todos os pontos de vista a melhor entre as gravações citadas, nós hesitaremos muito entre quatro edições "His Master's": a do **Concerto em fá menor** por **Rubinstein**; a da **Barcarolla** por **Cortot**; o disco de **Horowitz** portanto a **Mazurka em do sustenido menor op. 30 n.º 4** e os dois **Estudos** nos. 4 e 5 da **op. 10**; e a gravação da **Sonata op. 35 por Rachmaninow.**

E nós nos decidiremos talvez bem mais pela última.

a) **Pierre J. Winandy**
do Record's Club (Bruxelles)

P. S. — Este estudo data dos meiados de dezembro de 1938. Depois apareceram outras edições: H. M.V. **Escocezas** e outras por **Koczalski**; Columbia do **Andante Spianato** e a **Grande Polonaise op. 22** por **Lous Kenter**, para não citar os que foram postas como sentinelas pelos seus editores. Pedimos desculpas por não dizer deles uma palavra, se o fazemos é porque não tivemos ocasião de ouvi-los.

COMO SOMOS ACOLHIDOS

Do prof. Miguel Ziggiatti, D. D. Diretor do Conservatório Musical "Carlos Gomes", de Campinas:

"Não poderiamos deixar de expressar a nossa admiração por essa revista que muito honra os fóros de cultura em nosso Estado, no terreno dificil da música."

Da profra. Maria M. da Cunha, D.D. Diretora do Instituto Musical "Santa Cecília", de Santos:

"... felicito V. Excia., fazendo votos para que a bela revista tenha vida longa e frutuosa. Cumprimentos."

Do "Estado de São Paulo", de 24-3-1940:

"Muito bem feita, em forma de revista, RESENHA MUSICAL póde ser considerada uma das bôas publicações do gênero, seja pela sua caprichosa confecção, seja pelo seu perfeito serviço informativo de tudo quanto ocorre na música brasileira, seja, ainda, pelo estudo dos aspectos mais interessantes da vida e da obra dos grandes compositores internacionais, tudo feito de maneira inteligente e amena, e porisso mesmo de maneira a interessar aos mais leigos no assunto."

Recebemos cartas e cartões dos srs. dr. Lourival Fontes, Diretor Geral do DIP, dr. Ulysses Paranhos e do sr. Franco de Barros.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS

"Serviço Social", abril e maio, 1940, nos. 16-17, ano II, São Paulo;

"Noticiário Ricordi", abril 1940, ano III, n. 4, São Paulo;

"Gazeta de Paraopeba", jornal, Paraopeba, Minas Gerais;

"Correio da Tarde", jornal, Araraquara, São Paulo;

"Belas Artes", revista de arte, ano VI, abril e maio, 1940, nos. 57-58, Rio de Janeiro.

* *

ACADEMIA LITERO MUSICAL "VILA LOBOS"

No salão nobre do Clube dansante de Jaú, realizou-se em 7 de junho uma audição artistica da Academia Litero Musical "Vila Lobos", de Jaú, a qual alcançou brilhante sucesso pelo perfeito desempenho do magnifico programa no qual figuraram muitas das inteligentes alunas daquela Academia executando entre outras, obras dos autores nacionais Vila Lobos, Clovis de Oliveira, Radamés Mosca, Guilherme Leanza e Frutuoso Viana.

Gratos pelo convite enviado.

Aos Leitores

RESENHA MUSICAL é a revista musical de maior divulgação no Brasil.

Uma assinatura anual de RESENHA MUSICAL custa apenas 12$000.

Numero avulso: 3$000

RESENHA MUSICAL não publicará notícias de concertos, audições ou de de festivais artísticos, quando não receber dos promotores ou interessados, convite ou comunicado, dirigido dirétamente à Redação ou por intermédio de seus correspondentes.

RESENHA MUSICAL não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas cronicas assinadas.

Reproduzir artigos, fotográficos e gravuras especiais ou originais de RESENHA MUSICAL, É EXPRESSAMENTE PROIBIDO.

RESENHA MUSICAL não mais será enviada ás pessoas que não tomaram sua assinatura.

Colaboração escolhida e solicitada. RESENHA MUSICAL não devolve originais.

RESENHA MUSICAL não fornecerá gratuitamente aos assinantes, numeros atrazados, extraviados ou anteriores á data da assinatura.

●

RESENHA MUSICAL
publica com este número o seu
2.° Suplemento Musical
1.° ESTUDO BRASILEIRO
— Artur Pereira

●

★

BREVEMENTE

TRES OBRAS VALIOSAS

Técnica da escala — para piano — prof. CLOVIS DE OLIVEIRA

História da Música — Dr. ULYSSES PARANHOS

Folhas que o vento levará... — prof. SAMUEL ARCHANJO DOS SANTOS

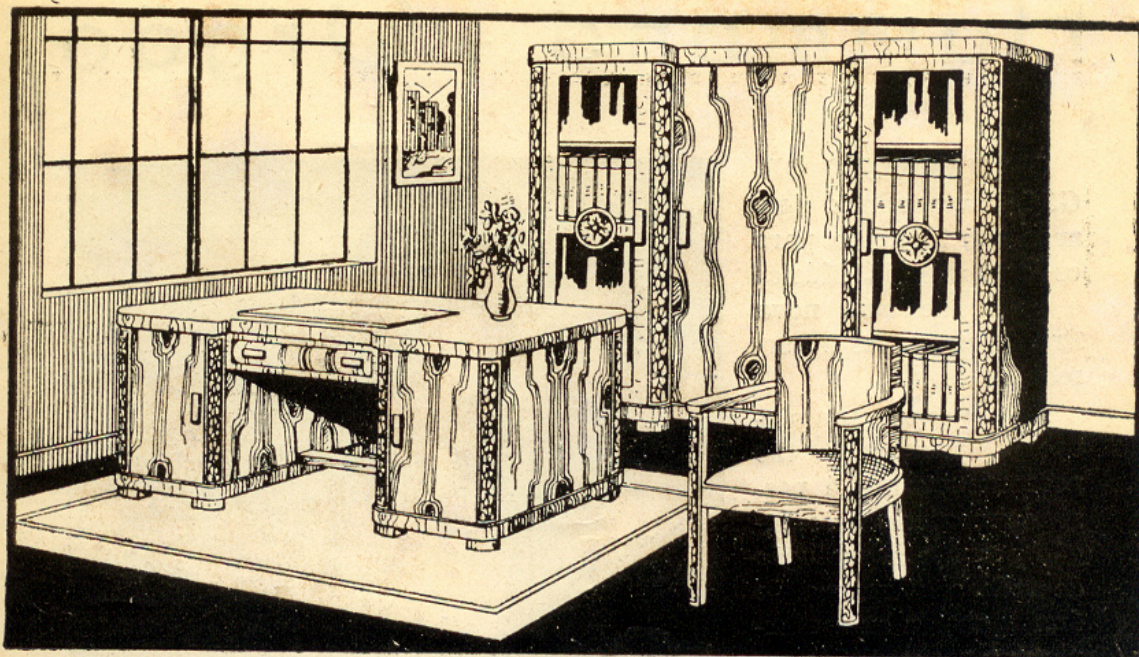
EM TODAS CASAS DE MÚSICA

"Nacionalizai, instruí e educai, pelo idioma e pela música do Brasil."
A. F. M.

*

No próximo número
RESENHA MUSICAL publicará

VIDA ARTÍSTICA PAULISTANA

crítica dos concertos que se realizarem nesta Capital

Permuta

Desejamos estabelecer permuta com as revistas similares.
Ni deziras starigi intershanghon kun similaj revuoj.
Deseamos estabelecer el cambio con las revistas similares.
Desideriamo scambiare la nostra rivista con le sue congeneri.
Nons désirons établir l'égange avec les revues similaires.
We wisn to establish exchange with similar reviews,
Wir wuenschen den Austausch mit ashnlichen.
Berufszeitschriften eizurichter

Resenha
Musical

R. Xavier de Toledo n.º 210
6.º andar —
. sala n.º 62
S. PAULO

Composto e Impresso nas oficinas do LEGIONARIO -- Fone [illegible] -- São Paulo